

“História da Literatura Alemã” de Eloá Heyse e Ruth Röhl

por FREYA MEDVED LEITE NUNES (Universidade Federal de Santa Catarina)

Por via de regra, todo estudo da História da Literatura empenha-se por apresentar uma visão panorâmica concisa da produção literária primacial em determinada língua, desde os seus primórdios à atualidade. Tal exposição sumária, mas abrangente, objetiva dois fins básicos. Um, de caráter norteador e complementar, visa situar o leitor através do fornecimento de dados úteis à melhor compreensão e ao conhecimento da obra literária relevante, quando lida isoladamente; outro, essencialmente incentivador, pro

põe-se a despertar como que uma motivação fãustica à leitura posterior de obras literárias. Contribui para o alcance de tais fins o espírito universalista - a exemplo do Romantismo alemão -, o qual conduz não apenas ao apontamento de analogias com literaturas multilíngues, como também à criação de vínculos com os mais diversos domínios da Cultura, ou seja, com as Artes Plásticas, a Música, a Filosofia, as Ciências, a História, e outros mais. É certaza manifesta que uma obra "ilustrada" ativa mais inten-

samente a imaginação, o raciocínio, a criatividade e a própria motivação do que a unilateralidade em forma de um texto árido e objetivo.

A recém lançada "História da Literatura Alemã", de autoria das professoras Eloá Heise e Ruth Rühl, enquadra em uma divisão tradicional os pressupostos ideológicos e estéticos de cada período literário, dando enfoque especial a autores de quilate como Lessing, Goethe, Schiller, Heine, Büchner e Brecht.

Deparamo-nos com passagens informativas como a que diz respeito à temática do Fausto - teutônica por excelência -, e frequentemente retomada na Literatura Alemã a partir do século XVI, bem como aquela que identifica a narrativa picaresca em Grimmelshausen, Thomas Mann e Günter Grass. A fixação de tais linhas diretivas no que concerne a Literatura Alemã concilia-se outrossim à produção literária estrangeira, a ser conferida no reconhecimento da influência Büchneriana sobre o Teatro do Absurdo de Ionesco e Beckett. Exemplares

analogias correlacionam as Literaturas Brasileira e Alemã, como, por exemplo, a constatação da existência do rebuscamento estilístico a interligar Gregório de Matos e a fase áurea do Barroco alemão.

Os pensamentos filosóficos dominantes durante os diversos períodos são aventados: comprova-se a alusão ao florescimento da doutrina pessimista de Schopenhauer em meados do século XIX. Igualmente faz-se presente um "background" histórico elucidativo, frequentemente permeado por correlações políticas, como a vinculação do estilo Biedermeier ao caráter reacionário da Restauração.

Carecemos, no entanto, de informações complementares sobre Música, Artes Plásticas e Ciências, fato este que deixa irrespondidas certas questões eventualmente trazidas à tona durante a leitura da obra. "A contribuição alemã para a arte do século XIX é de natureza musical e não literária", afirmou Thomas Mann, asserção que vem reforçar a necessidade de maiores referências à importância da Música, por

exemplo, no referido período.

Destaque-se o excelente capítulo final sobre a Literatura Contemporânea. A "literatura de escombros" põe-se uma de crítica social e outra de enfoque político nos anos 60. A obra finaliza apontando convergências, no âmbito da Literatura, entre as duas Alemanhas, a serem observadas nas tentativas de interiorização e auto-reflexão da "Nova Subjetividade".

De acordo com Walter Benjamin a História da Literatura integra-se à His

tória na medida em que toda História da Literatura reflete o quadro da atualidade da qual é fruto. De conformidade com tal acepção, esta "História da Literatura Alemã" produz uma versão atual competente e acessível, emana motivação, além de constituir auxílio substancial a estudantes de Literatura Alemã e leigos.